

Paris - Maio de 1919

Ms. 4. 129

Últimos dicas.

Meu querido amigo,

Perdão-me. Você está - re atraindo um boacadeiro desta vez... Aqui me tem pois a maga - lo... E de fato isto envio-lhe as duas últimas poesias da Dispersão que é obra completa agora, pois decididamente, mesmo que o tratasse em versos, não incluiria nesta serie "Aquele que estribou o gênero". E que poema - apesar do que ele tem uma das implicações - incluiu certo verso é o Poema "Excarcação", pois, dentro de mim, pintou em verdade um no. Assim teremos 12 poesias.

As duas que hoje lhe envio - uma das quais talvez já conheça pelo nome de Leão - figuram-se-me menos artificiais do que valiosas suas estímulos entre as mais pelas ideias que encerram: elasalem tédio sobre tudo "versos" de as não ter e de nunca vir a fê-las, fortalecendo até as coisas que nadavam. - No "Como eu nas fomos a ideia geral e esta quadra "Não sou amado de ninguém etc." ouço a ideia condensada a ideia de que os meus futuros leitores" A Confissão de Lúcio. (Perde o "Pró", desta quadra faltou mais e será o único da plazuelha por o do "Suplemento-hoje" "Portfólio" foi enganado). Ha outra quadra é pela sua ironia uma agradável volta poesia e que canta: "Eu negaria só ignorante etc.". Agora, no a expressão "aglutinante" e "seios transformados", tem como ua quadra autocadente a "Cane estilizada". Esta poesia tem talvez uma certa falta de lucidez. Bemanto julgo-a assim (sem o "torturado, entorpecido" como torturado o condorcido é o que ela pretende estilizar. Perguntem que me autoriza a ordem em que todas as 12 poesias devem ser publicadas e, se tiver paixão a sua ordem de preferência, conforme a opinião do seu querido amigo. A Bebedeira instala-se definitivamente "Alcool". Não lhe parece haver este título?

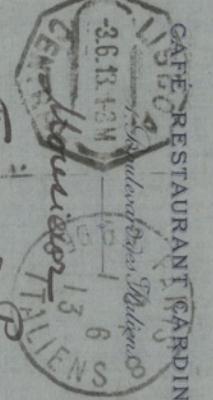
Outra questão: esta capa de Lirvo é para a haja do "disperso", Versos, poemas, poesias, 12 poemas de Cl. de P.C., 12 poemas de Cl. J. de P.C.? E se refizeste isto: 344 Versos de Cl. de P.C. (344 ou 345 delas, quero dizer). Isto poema que era novidade, é talvez (que em certas) de mau gosto. Juízai por favor o livro de seu verso, e fazeis poesia em seu cheiro e em provador. Pode ser outro subtítulo: Serie seu verso. Ora o que serve sobretudo é que ponha importâncias. (Siga-me: Sendo melhor em vez de: De embalos ao meu amor todo mundo; De embalos ao meu amor todo mundo? Pois estas pequeninas coisas de vida voz me acarrehei consigo.

Uma ideia nova: Um cidadão cuja amizade é de criar mistérios, só pelo perturbador que um mistério é. Assim cantará crimes só por ter a glória de todo o mundo achar atraentes por desvendar o mistério. Crimes dum gênero especial: Supremo: O rolo da Guinada - isto é, a exemplificar grandemente qual a amizade é deles. Este homem por fim será morto, despedaçado, pelo mais grandioso mistério que conseguirei. Não se entende o meu fim, visto tão mal explicado e isso não se esqueça.

E assim viai nos bairros pelos muitos continentes
estudando e, assim viai, viajei, apesar das horas
que uns dão o que pensam, os dias que fui, chei
curiosos que uns acharam "muito interessante",
mas respondi que che fará possível!...
Assim viai, subindo um grande abrigo de

Lirvo
L. D. L. R. J. A. D.

9 - Canção no



TÉLÉPHONIE N°109-87

Fernando Pessoa.

24, rua de Passos Manuel
Lisboa, segundo.

= Portugal =

Lisbonne

ans le

Mario da Sa - Camarino
Sociedade dos Escritores
Paris.

1154-130 1.

= Aleu - Tédio =

Nada me expira já, nada me vive -
Nem a tristura nem as horas belas.

De os não ter e de nunca vir a te-las,
Fartam-me até as coisas que não tire.

Como eu quisera, em fios d'alma esquecida,
Dormir em paz num leito d'hospital...

Causei dentro de mim, causei a vida
E tanto a divagar em luciões.

Outro dia imaginei escalar os céus
A força de ambição e nostalgia,
E, doente-de-Novo, fui-me deus
No grande rastro fulvo que me ardias.

Parti. Mas logo regressei à dor
Pois tudo me ruia... Tudo era igual:
A quimera, cingida, era real,
A própria maravilha tinha cor!

G.

Ecoando-me em silêncio, a noite escura
Baixou-me assim na queda seu remedio;
Em próprio me traguei na profundura,
Me pequei todo, endureci de tédio.

E só me resta hoje uma alegria:
Só que de tão iguais e tão varios,
Os instantes m'enviam dia a dia
Cada vez mais velozes, mais esquios.

→ Como eu não posso =

Olho em volta de mim, Todos possuem -
Um afecto, um sorriso ou um abraço.
Só para mim as ansias se diluem
E não posso cumprir quando enlago.

Roçar por mim, em longe, a teoria
Dos espasmos golfados ruivamente;
Pão extases da cor que em fremiria,
Mas a minha alma para e não os sente!

1154-131

3

Dores sentir. Não sei... perco-me todo:
Não posso afeitar-me nem ser eu...
Falta-me egoísmo pra ascender ao eu,
Falta-me unção pra me afundar no lado...

Não sou amigo de ninguém. Pró ser
Forçoso me era auto possuir
que nem eu estivesse - ou bonem ou malser,
E eu não logro nunca possuir!

Castrado d'alma e seu saber fixar-me,
Tarde a tarde na minha dor me afundo...
- Seria um emigrado doutro mundo,
que nem na minha dor posso encontrar-me?

Como eu desejo a que alivai na sua
Tão agil, tão agreste, tão de amor!
Como eu quisera enumararla tua,
Bebe-la em espanhos d'harmonia e cor...

Desejo errado... Pe a tiveras um dia,
 Toda seu veus, a carne estilisada
 Sob o meu corpo arfando transbordada,
 Nem meus assim - ó amia! - eu a teria!...

Eu vibraria só agonizante
 Pobre o seu corpo ó extases dourados,
 Pe fome aqueles seios transtornados,
 Pe fome aquele sexo aglutinante...

De embate ao meu amor todo me riu,
 E vejo-me em destrôgo ate' vencendo!
 E' que eu teria só, sentindo e sendo
 Aquilo que esterlacho & não posso.

Mário de Sá - Parniço

Paris 1913 - Maio